

OS BAIRROS DAS FONTAINHAS E DAS CRUZES

Por ALVES SILVA

Já algumas vezes nos referimos aos bairros, quintas e pátios da Amadora, conquanto de outros tempos, alguns deles ainda a perdurarem, como é o caso do pátio do Jacinto, dos bairros do «Martelo», «Janeiro», «Bosque», «Cruzes», «Fontainhas», etc.

Sobre estes dois últimos iremos reviver aqui um pouco da sua história.

Curiosamente, o bairro das Fontainhas, às Portas de Benfica e no perímetro da Estrada militar, foi construído para albergar gente pobre, cujo investimento proveio da indústria do pão saloio, a qual, nos séculos XIX e primeiro quartel do XX, tinha um grande desenvolvimento na Amadora. Esta indústria de farinhação e de panificação, cujos vestígios dos moinhos ainda são visíveis, foi morrendo para dar origem a outra indústria, a da construção, com a venda em lotes das boas propriedades de trigo, cuja produção começou a definhar, não só por esse motivo, mas também pela introdução no país de trigo americano e canadiano a preços baixos e incompatíveis para os nossos produtores. Os capitalistas aproveitaram disso para estabelecerem padarias em toda a capital, daí uma concorrência a levar à falência a indústria praticamente caseira de características vincadamente económicas e sociais das regiões saloias, como era o caso da Amadora. No fabrico do pão ocupavam-se somente os seus proprietários, alguns familiares e uma ou outra pessoa, neste último caso somente aos sábados ou em dias de festa cuja procura era maior. A maior parte do pão ia para Lisboa, em cuja Praça da Figueira, já desaparecida, tinha o maior ponto de venda.

Fechadas as padarias, alguns proprietários destas começaram por aplicar os ganhos realizados noutras actividades. Uma delas foi a família de Zenaide Gomes Chambel ao solicitar, em 1910, autorização à Câmara Municipal de Oeiras para construir 32 «casas para pobres», em terrenos seus, sítios no bairro das Fontainhas, pedido renovado no ano seguinte para construir mais 20, conforme as respectivas autorizações — processos camarários n.ºs 1/1910 e 102/1911. Curiosamente, algumas das casas ainda ali existentes são desses tempos oriundas desse bairro operário, já muito degradadas ou modificadas, cujos problemas sociais ora existentes são bem conhecidos.

Quanto a estas construções, e socorrendo-nos daquilo que nos diz António dos Santos Coelho no seu livro «Subsídios para a História da Amadora», as paredes eram de alvenaria e de madeira de pinho, rebocadas com argamassa de cal e areia. As paredes exteriores eram de pedra calcária vinda das pedreiras de Carenque e o saibro das Águas Livres e a cal dos fornos do Malha-Pão. De Telheiras vinha a telha e as cantarias dos arredores de Sintra (Pero Pinheiro).

Estas habitações operárias eram construídas normalmente em zonas de menor valor dos terrenos, sendo «uma forma urbana característica do capitalismo industrial». Uma forma de concentrar ali os trabalhadores e dispor deles em qualquer altura, e também uma maneira de, ao ceder-lhes residência, pagar-lhes menores salários. Era uma maneira capitalista de amortizar a construção destas casas com reduções salariais, ou, caso contrário, obrigar o operário ao pagamento de uma renda. O operário estava assim mais perto das fábricas de laboração e de outros meios de produção, dispondo o patronato desse mesmo empregado quase em regime de exclusividade.

Com o Bairro das Cruzes, a situação foi muito idêntica. Em 1904, Jacinto Gonçalves, então residente em Lisboa, solicita na Câmara Municipal de Oeiras autorização para construir 18 barracas e reconstruir um armazém (Processo n.º 14/1904 da CMA). E assim se desenvolveu o Bairro das Cruzes, conhecido pela existência ali de uma cruz, quase destruída, localizada no lado esquerdo da Elias Garcia, para quem vem de Benfica (quase em frente ao Clube Rangel). Esta cruz esteve antes localizada no lado direito, muito perto de algumas casas da época a resistirem ao progresso. De registar que, alguns anos depois, o bairro é ampliado com mais 30 barracas num terreno pertencente a Vicente Joaquim Esteves, situado entre a Estrada dos Salgados e a Rua Eduardo Jorge.

Quanto ao Bairro Ferreira do Amaral, assim baptizado por pertencer a António Ferreira do Amaral, a sua construção remonta a 1902, com o levantamento de 36 barracas, cada uma com 4 divisões, cujos despejos eram depositados em fossas e a água vinha de um poço ali existente. Ficava entre as actuais ruas 5 de Outubro e Luís de Camões, cujas construções foram demolidas na década dos anos quarenta. Este local também chegou a ser designado por bairro dos padres.

As rendas destas habitações eram pagas aos proprietários ao semestre, mas a partir de 1910 a renda passou a ser paga, tal como hoje, ao mês.

O afluxo das populações para a periferia da capital, veio a dar origem a construções de outro tipo, mas alguns destes bairros ainda hoje mantêm algumas das características de então, como é o caso do referido bairro das Fontainhas.